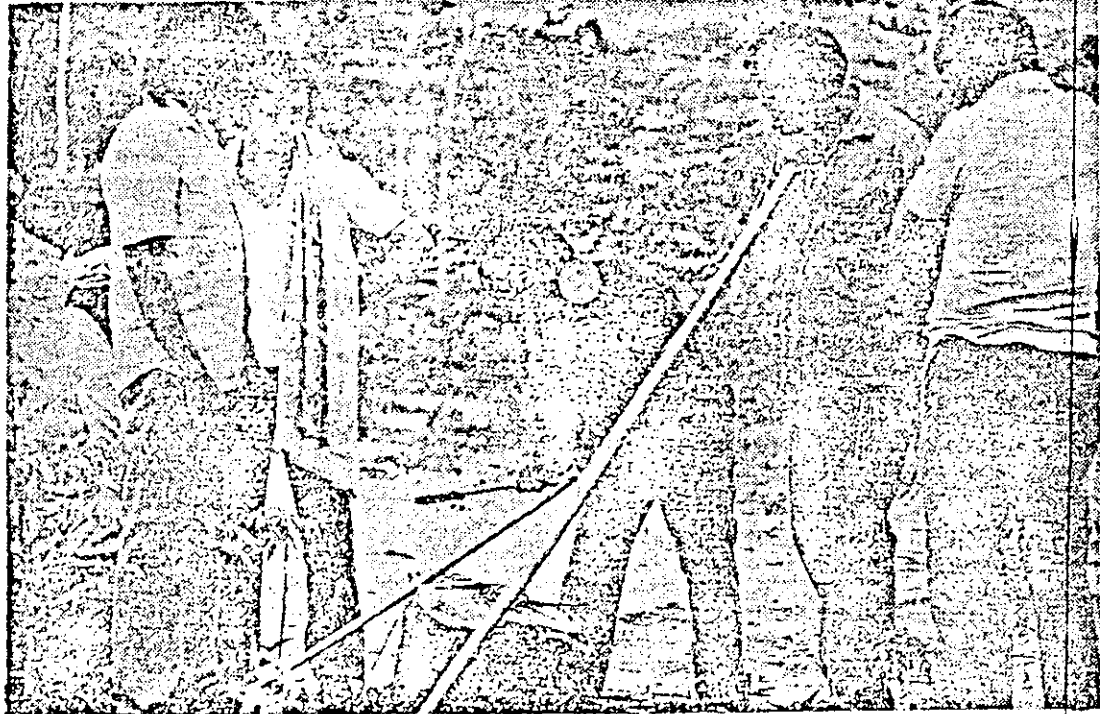


30%

RKR000 11

Cuiabá, 22 de Maio de 1985 —

"O ESTADO DE MATO GROSSO"



Intsima, cacique dos Rikbatsa (centro), reclama da escassez de "seriwa".

## Canoeiros explicam porque retomaram terra ao Norte

Dia 8 do corrente mês, cerca de 50 índios Rikbatsa, munidos de suas armas tradicionais (arco e flexa e borduna) e mais algumas espingargas de caça, reocuparam, sem resistência por parte dos empregados das fazendas, uma área de aproximadamente 100 mil hectares, situada entre os rios Juruena e Arinos.

Ontem, em Cuiabá, os líderes Rikbatsa explicaram que durante a ocupação das glebas Bordon, Juruena e Santa Maria os empregados das fazendas

foram desarmados para evitar qualquer tentativa de reação. Mesmo assim, diante dos boatos de que os fazendeiros da região estariam organizando um grupo de homens armados para enfrentarem os índios, eles resolveram vir a Cuiabá em busca de apoio.

O secretário de Segurança Pública, Oscar Travassos, enviou um telexograma às autoridades federais dando conta desse novo conflito indígena.

Última página

# Canoeiros explicam porque retomaram terras no Norte

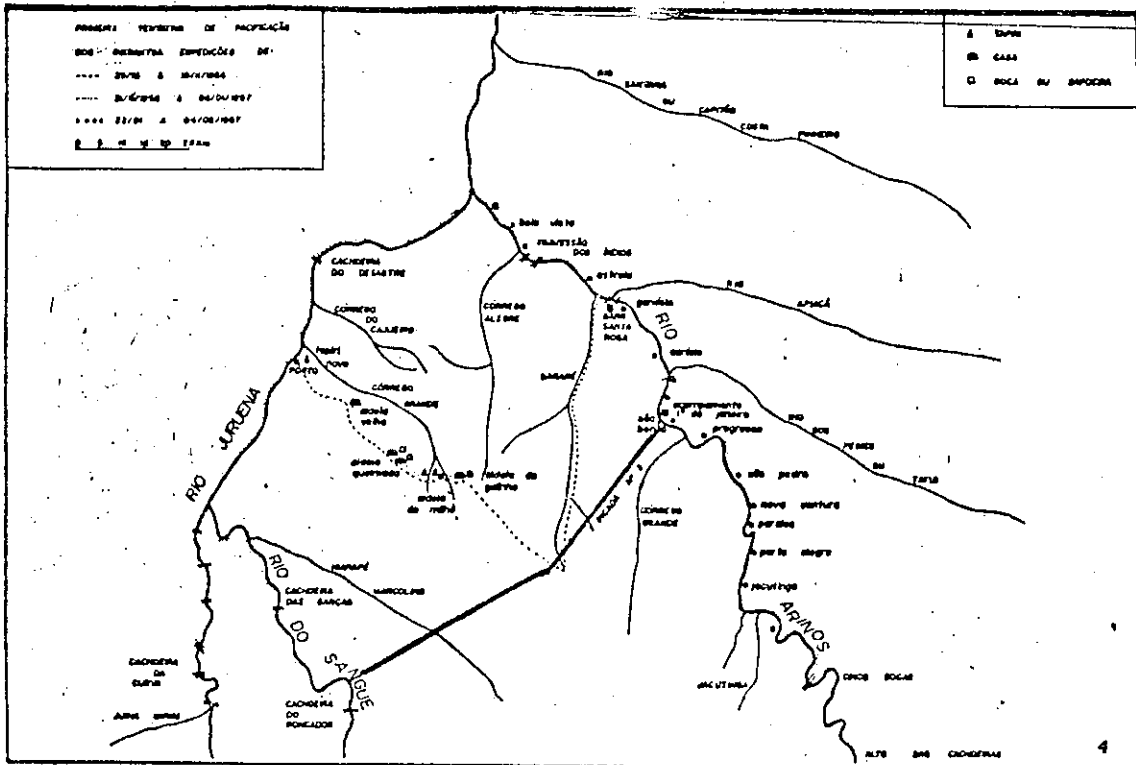
Três líderes Rikbatsa - Nicolau Méo, Arlindo Pudata e Cláudio Abama - chegaram ontem a Cuiabá com a missão de explicar porque sua nação resolveu reocupar uma área de aproximadamente 100 mil hectares de terra, entre os rios Jurueña e Arinos, no Município de Juara, onde estão localizadas três fazendas do empresário Luiz Carlos Tavares, atualmente residente em Cuiabá.

"Nós viemos defender o que é nosso. O que é sagrado. A terra onde nós busca ponta de flecha, a seriva para fazer borduna, a seringa e a nossa alimentação que é a caça e a pesca. Mas, principalmente, porque é lá que está o nosso grande cemitério. Por isso, estamos dispostos a derramar até a última gota de nosso sangue" - disse Nicolau Méo.

A ocupação das três fazendas (Bordon, Jurueña e Sta. Maria) ocorreu 8 dias atrás, exatamente dois meses depois que os índios Kayabi e Apiaká, apoiados por mais 12 chumbeiras, inclusive os próprios Rikbatsa, iniciaram seu movimento pela não construção da usina hidrelétrica no Salto do Rio dos Peixes, na mesma região.

### A OCUPAÇÃO

Os guerreiros Rikbatsa, pintados para a guerra e armados de arco e flecha, bordunas e algumas espingardas, ren-



Cacique Intsima: desconfiança com os brancos

deram os oito empregados da fazenda Bordon, a única que tem algumas benfeitorias, tomando lhes 3 carabinas, 7 revólveres e 3 chumbeiras. Os empregados não esboçaram qualquer reação, não só porque eram em menor número, mas também porque eles próprios admitiam que as terras onde estão localizadas as três fazendas pertencem aos índios.

Os índios explicaram também que no caminho encontraram dois peões foragidos das mesmas fazendas, onde eram tratados como escravos.

Os dois empregados estavam há 24 dias perdidos nas matas da região, até serem localizados pelos índios Canoeiros e uma equipe da Funai, que esteve duas semanas no local.

### GRUPO DE TRABALHO

A equipe da Funai, composta pelo delegado da 5ª DR, Oswaldo Cid, um antropólogo, um engenheiro agrônomo e um motorista. Além deles, o Inera e o Intermat enviaram técnicos, com o objetivo de identificar a área,

já que além de habitat imemorial dos índios há um decreto do governo federal, criando, em 1961, o Parque Florestal de Jurueña.

Domingo, o fazendeiro Luis Carlos Tavares, proprietário das glebas invadidas, procurou o delegado da Funai, em Cuiabá, e ouviu dele as explicações e, aparentemente, se mostrou conformado com a situação. Ele ficou de procurar novamente a Funai para saber todo o histórico da área. Ele demonstrou não saber que a área on-

de estão localizadas suas fazendas era tradicionalmente ocupada pelos índios, bem como ignorava a existência do decreto federal criando uma reserva florestal.

No processo, além do pedido antigo dos índios Rikbatsa (ou Canoeiros), há solicitações de vários órgãos federais, no sentido de se identificar a área. Ao saberem dessas informações, os líderes indígenas Rikbatsa, que vieram a Cuiabá, demonstraram, por sua vez, a certeza de que vão obter uma vitória.

## Canoeiros, uma história de muitos erros e massacres

A história dos índios Rikbatsa, ou Canoeiros como os brancos preferem chamá-los, é repleta de acontecimentos dramáticos e lamentáveis. Primeiro, foram as frentes pioneiras, formadas por levas de seringueiros, garimpeiros e colonizadores. Eles fizeram parte de um episódio tristemente famoso em Mato Grosso: o massacre do Paralelo 11, promovido pela firma Arruda Junqueira, em que centenas de índios foram assassinados das mais variadas formas - de tiros de metralhadoras, bombas e açúcar envenenado.

Mais recentemente, em 1972, os padres jesuitas da Missão Anchieta, pensando em facilitar a assistência que prestam até hoje àqueles índios, forçaram a transferência dos Rikbatsa de Japuíra para a reserva atual, que já não mais satisfaz às suas necessidades. Para pegar ponta de flecha, os

índios têm que descer mais de 400 quilômetros, através dos rios da região, ou subir pelos mesmos rios cerca 180 quilômetros para pegar taquara para fazer flecha e "seriwa", uma madeira com a qual eles fazem suas bordunas.

Além disso, é na região do Japuíra e no Posto Escondido, os locais que foram reocupados, que eles encontram em abundância as plantas medicinais, o mutum carijó e a ciganinha, aves das quais eles retiram as penas para os enfeites. Segundo Nicolau Méo Rikbatsa tudo isso têm importância muito grande para os índios, também em termos de tradições culturais, porque é lá que estão localizados seus locais sagrados.

### ESPECULAÇÃO E ESCRAVIDÃO

O antropólogo Rinaldi Arruda, que esteve du-

as semanas entre os índios Rikbatsa como integrante do Grupo de Trabalho, criado pelo chamado "Grupão" que reúne representantes do Ministério do Interior, através da Funai, Ministério dos Assuntos Fundiários e Conselho de Segurança Nacional, disse ontem, em Cuiabá, que fará um relatório "para mostrar a situação como ela é".

Ele entende, de princípio que as reivindicações dos índios Rikbatsa são mais do que justas. Em primeiro lugar, as terras são de ocupação inmemorial; é nelas que os índios encontram sua principal fonte de subsistência econômica, que é a seringa; estão integrados ao costume da tribo e, por fim, há que se considerar o aumento populacional significativo dos Canoeiros. Por outro lado, Rinaldi Arruda assegurou que as terras re-

tomadas pelos Rikbatsa possuem poucas benfeitorias, porque na verdade são usadas pelos fazendeiros e colonizadores para especulação imobiliária e como foco de trabalho escravo.

### A LUTA É NOSSA

Demonstrando muito conhecimento e firmeza, os líderes Rikbatsa explicaram que antigamente houve "mau entendimento" da parte deles, quando os missionários jesuitas fizeram a transferência de Japuíra e Posto Escondido para a atual reserva. Eles contam, inclusive, que isso aconteceu porque os padres usaram o líder Tadmama para convencer os demais a se transferirem. O que acabou acontecendo, a contragosto.

Os índios hoje acham que os padres fizeram um serviço que ajudou os fazendeiros a grilarem suas terras. Essa

não foi, porém, a única vez que os índios foram usados. Nicolau conta que eles foram usados pelos autores da chacina do Paralelo 11 para mostrar onde estavam os Cinta Larga, que foram vítimas daquela operação de extermínio. "Antigamente, a gente pensava que todo branco era bom e falava a verdade, como é costume entre a gente".

Conscientes disso tudo, os Rikbatsa, certamente animados com os movimentos indígenas da região (o do Txucarramaê, no ano passado, e o dos Kayabi e Apiaká, este ano), resolveram assumir por conta própria a luta pela retomada de suas terras. "A luta é nossa. Vamos lutar até onde der. Até derramar a nossa última gota de sangue, se for preciso. Uma coisa nós temos certeza: não vamos arredar o pé nesta luta".